



# II ENECULT



## II ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 03 a 05 de maio de 2006, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

### **UMA RECONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS PARA A IDENTIDADE CULTURAL DA ETNIA NEGRA BAIANA. UMA ABORDAGEM DO DISCURSO TELEVISIVO FACE AO CARNAVAL DO ESTADO.**

**Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objeto central o carnaval baiano midiaticizado, em especial, pela TV. Através da veiculação dessa festividade pode-se observar em termos culturais e étnicos uma reconstrução de significados na qual o negro é retratado de maneira central no processo. Deve-se ir além do termo central; é necessário pensar sobre uma abordagem positiva de fato, o que promove uma desarticulação do discurso histórico discriminatório e com tendência a marginalizar o negro, transferindo o citado discurso para uma aura imagética de resplendor – afirmação – valoração cultural étnica afinal.

**Palavras chave:** Cultura, Identidade, Mídia, Carnaval, Etnia.

Este ensaio começa as suas considerações de forma realmente próxima ao seu tema, o que não poderia ser diferente, buscando assim desde o início forte aparato capaz de trazer sustentação a temática. Portanto, um dado de grande relevância para o entendimento de como a mídia, em especial a televisão, vem construindo a identidade cultural da etnia negra baiana diz respeito ao movimento de “africanização” da cultura local. Vale ressaltar o grande interesse da indústria cultural nessa reinvenção. Rubim (2000:16) faz importante comentário sobre esse aspecto:

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: pedroprocopio@click21.com.br

*“Os fluxos culturais locais permitem então um desenvolvimento da indústria da cultura e da comunicação na Bahia; afinal ela encontra um enorme estoque de possibilidades e de novos produtos para serem explorados em mercados inclusive globalizados e locais. Não por acaso, as mídias baianas, em especial a televisão, têm investido em programações, dentro e, principalmente, até fora da tela, impregnadas por essa cultura afro-baiana. A produção desses eventos representa um mercado significativo e outra vez associam a mídia a esse fenômeno de “africanização” cultural da Bahia.”*

A Bahia foi o Estado brasileiro que – sem dúvida – recebeu o maior número de escravos negros na história do país nos primeiros séculos de colonização. Isso pode ser comprovado ainda hoje com um simples passeio pelas ruas soteropolitanas. A esmagadora maioria da população é negra. Os museus e centros culturais espalhados por todo o Estado mostram a realidade étnica de sua gente, assim como a mídia, especialmente a TV, estimula essa identificação afro-brasileira e baiana.

É importante citar a campanha publicitária do Governo do Estado – para a televisão – em 2002 – a qual evidencia a condição da etnia negra incorporada em sua gente. As peças publicitárias mostram negros felizes, bonitos e cheios de vitalidade. Quem não gostaria de ser contente – saudável – belo e morar numa terra de magia? É isso que é veiculado. O que dizer então da Axé Music, que enaltece a negritude – além do jeito afro-baiano de ser? É a etnia a favor da construção da identidade cultural de um povo ou do reforço desse processo.

É válido – ou melhor – imprescindível destacar alguns eventos midiáticos capazes de confirmar a intrínseca relação do quesito étnico com a identificação cultural dos baianos. Um ponto de destaque em relação à identidade diz respeito ao que Rubim (2001:16) chama de mito de raiz – através do qual a “boa terra” – a Bahia evidentemente – é tida como o nascedouro da pátria. Vale retomar, na íntegra, o que é

levantado por Rubim (2001:16) que traz relevantes informações sobre a discussão étnica.

*“A Bahia aqui se reivindica, com orgulho, como um lugar de tradições, sejam elas de suas famílias e elites oligárquicas, sejam elas de seu povo, sertanejo ou afro-descendente.”*

É pertinente irmos às décadas de cinquenta e sessenta do último século a fim de avaliarmos algo de peso: o papel da Universidade da Bahia no processo de valorização cultural do Estado. Sob a tutela do reitor Edgar Santos, naquele período, ocorre uma profunda ressonância sobre a cultura e sociedade baianas.

Ao discutirmos o valor da questão étnica é inadmissível não fazermos referência ao estudioso George Coutinho – o qual com o apoio do reitor Edgar Santos – moderniza o processo de investigação e pensamento sociais – cria o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO).

O CEAO mostra-se atento aos países africanos e volta-se rapidamente para a cultura afro-baiana – passando a estudá-la e colaborar significativamente com a referida cultura. É construída – dessa forma – uma ligação vital, ainda que circunscrita, entre a universidade e essa cultura quase incipiente. Tal conexão teve um papel chave para a confecção, o amadurecimento e a conseqüente explosão das manifestações afro-baianas.

Ainda sobre o período em questão, ou seja, décadas de cinquenta e sessenta, conhecido como fase do Modernismo Baiano, deve-se enfatizar a questão da cultura popular, também do ponto de vista étnico. A cultura popular dessa fase histórica é marcada por duas tradições, conforme Rubim (2001:7) – uma, “nordestina”, do sertão, e outra, de matriz africana, muitas vezes sem conexões e intercâmbios que pudessem viabilizar uma cultura popular mais alargada e consolidada junto à população.

Um outro ponto de grande relevância é o fato das culturas mencionadas acima manterem relações muito diferentes com as outras dinâmicas culturais existentes. Exemplifiquemos tais diferenças: enquanto a cultura do sertão era reivindicada pelos setores desenvolvimentistas de esquerda como o estoque popular na construção de uma cultura ou ideário nacional-popular, a de raiz negra, potente, mas obscura, era menosprezada inclusive por jovens intelectuais participantes ativos do Modernismo baiano. Além do menosprezo, havia difamação, diminuição e a subestima por preconceitos sociais e culturais predominantes, os quais almejavam reduzi-la a gueto.

Ao levantarmos a questão étnica baiana, um filme merece atenção por tratar desse aspecto: *Barravento* (1961) do baiano Gláuber Rocha. A película é capaz de expressar liricamente e de forma ambígua essas discriminações contra a cultura negra. Essa cultura é tomada como ópio do povo, porém, é mostrada no trabalho de Gláuber Rocha com encantamento visual. Parece um despertar.

Torna-se indubitável a construção de identidade realizada na Bahia no tocante a revalorização, ou melhor, valorização da população negra na sociedade local. Isso ocorre num espaço de poucas décadas, havendo uma mudança violenta, capaz de veicular nacionalmente o orgulho de ser baiano, além da alegria de ter o sangue africano circulando pelas veias. É um exercício vivo e coletivo rumo à auto-estima de uma população, tarefa essa, realizada com propósitos político-ideológicos extremamente marcados.

No que diz respeito a emersão da negritude fica evidente que esse processo, como já levantado, é cada vez mais notório ao sistema midiático televisivo nacional, e pasme, internacional. Afinal, foi graças a mídia que os negros norte-americanos inicialmente, maravilhados com a moda *black power*, a filosofia da beleza negra e ritmo soul do músico James Brown, deixaram de alisar o cabelo para ter aparência de pessoas

brancas e passaram a usar os cabelos soltos ou com bonés e chapelões. A consciência negra parece ter emergido junto com a moda.

Essa consciência desembarca na Bahia entre as décadas de 70 e 80 do século XX através do sistema midiático televisivo. Merecem ênfase o seriado de TV semanal Jackson Five, que mostrava performances desse conjunto norte-americano, o surgimento de blocos negros ou afoxés, como os Filhos de Ghandi, a efervescência das discotecas que contaminou a Bahia graças ao já mencionado seriado de TV..

Quanto ao fenômeno nomeado como “africanização” por Rubim (2000:16) é válido destacar os pontos de interseção do movimento e o suposto interesse da indústria cultural nesse mecanismo de construção de identidade na esfera da cultura.

Passemos a analisar agora outro ponto fundamental ao entendimento da construção da identidade cultural do negro baiano: o carnaval – impregnado de significado e vigor no dado processo. É indiscutível a visibilidade midiática desse evento, não apenas na Bahia, mas sim, nacional e internacionalmente.

Vale destacar o espaço da música genuinamente baiana nessa festividade – a qual é unanimidade em Salvador independente do estrato sócio-econômico dos atores sócias envolvidos, além do espaço dado pela TV aos artistas e celebridades que participam do carnaval soteropolitano.

Mas o que tudo isso tem a ver com a construção da identidade cultural negra do povo baiano? A resposta é crucial: tudo. Analisemos dados referentes a Bahitursa, órgão do governo responsável pelo turismo no Estado e que promoveu em setembro de 2002 a exposição *A Bahiatura tem muito o que mostrar..*

No evento, a pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, Tula Ornellas, apontou que o sucesso turístico baiano deve-se ao papel importante dos estereótipos negros na formação da identidade local. Conforme a estudiosa, um exemplo disso é a imagem de que a Bahia é o Estado do carnaval, além de ser uma terra de gente festeira.

Para Tula Ornellas, esses são os fatores responsáveis pela atração todos os anos de um enorme fluxo de turistas para a capital baiana; só em 2004 foram mais de 280 mil estrangeiros conforme dados da Embratur, o que propiciou a Bahia o primeiro lugar no nordeste em atração de turistas. Ornellas afirmou que a idéia do povo acolhedor, hospitaleiro, místico e da terra de contrastes entre o velho e o novo, se bem usados, atribuem força à promoção de destinos turísticos.

Pode-se especular sem receio que as máximas “a Bahia é uma festa”; “O baiano não nasce, estréia” – sejam construções ligadas ao ideário do povo festeiro que alimenta a construção identitária do povo negro baiano.

Ainda sobre essas máximas, Albino Rubim, assegura que essas afirmações não existiam até a metade do último século, sendo construídas por um conjunto de autores, com destaque para os artistas e intelectuais locais, os quais ao usarem tais expressões terminam por alimentar o povo em relação a tais afirmações.

É imprescindível um breve e novo retorno à década de 70 do século XX, a fim de termos maior consciência sobre o peso do carnaval baiano na discussão da construção identitária da população negra local. O ano é 1975 e a Bahia dá a impressão de estar entregue ao conformismo, a estagnação cultural. Os militares dominam o país e parece haver a consolidação de uma cultura midiática nacional em detrimento do regionalismo. Registre-se o ‘parece’.

No carnaval daquele ano surge o bloco Ilê Aiyê, formado exclusivamente por negros. O movimento provoca a ira da elite “branca”, inclusive através de algumas de suas mídias, entre elas o jornal *A Tarde*.

Conforme Rubim (1998:13), aquele que parecia ser apenas um bloco numa fase de tolerância e festa, que é o período carnavalesco, tornou-se a ponta de um gigantesco iceberg, o qual rompendo barreiras sociais e os guetos onde estava aprisionado iria

emergir nos anos vindouros. A ascensão aconteceria, em especial na década de 80, e iria espalhar-se por toda a sociedade e cultura baianas.

Uma questão um tanto óbvia acerca da ebulição do carnaval baiano, em especial na capital Salvador e citada ao longo destas linhas, está inteiramente ligada ao quesito mídia televisiva como estrutura vital nessa teia de significados capaz de construir a identidade e auto-estima da etnia negra do povo baiano.

Rubim (1998:14) fala de teias de cultura e comunicação costuradas por estruturas midiáticas, que são capazes de dar visibilidade aos produtos carnavalescos baianos na mídia. Aponta os exemplos da canção Faraó, em 1986, e recentemente, Agachadinho, em 2000.

Deve-se frisar ainda – o fenômeno de grupos baianos como É O Tchan, Araketu, Chiclete com Banana, Olodum, com o qual Michael Jackson chegou a gravar um clipe na nas ruas do Pelourinho na década de 90, Timbalada – entre tantos outros que reforçam o discurso do negro forte, vibrante, símbolo de lutas e conquistas. O mais importante: esse discurso ecoa, funcionando como um grande mecanismo de auto-afirmação e auto-estima do negro baiano.

Outra questão relevante é o fato da grande popularização da Axé music, estilo musical que garante espaço, mesmo fora do período carnavalesco. Surge assim, o carnaval baiano “tipo exportação”. É o chamado carnaval fora de época (e de lugar) – como o Carnatal, no Rio Grande do Norte, o Fortal, no Ceará, dentre tantos outros pelo país.

Conforme Rubim (1998:16) – os carnavais fora de época levam consigo os dispositivos tecnológicos inventados na Bahia, como o “trio elétrico” – por exemplo – e fazem com que a televivência, ou seja, o que o público vê pela TV torne-se algo concreto através de uma convivência real com a cultura baiana nesses eventos. Mais uma fonte de reforço discursivo e abastecedor de valoração da etnia negra baiana.

Por falar de televivência, o estudioso destaca também o conceito de “comunidades imaginadas” à distância e faz referência a transmissão do carnaval baiano na íntegra pela Rede Bandeirantes de Televisão, desde o ano 2000. Esse deve ser considerado o ápice do poderio de construção identitária exercido pelo carnaval do Estado e expressão dionisíaca máxima da etnia negra.

É vital trazer para o leitor as afirmações de Rubim (1998:17) no tocante ao carnaval baiano e a sua íntima relação com a construção da identidade cultural negra daquela gente, evidentemente construída pelo campo televisivo e musical, além de entrelaçados pela publicidade, pelo marketing e pela mídia como um todo.

*“Trata-se de consolidar e difundir uma nova identidade da Bahia: em lugar da antiga “boa terra”, marcada por um ritmo lento, preguiçoso, “malemolente”, tem-se agora um ritmo acelerado dos corpos em frenéticas danças e uma “ritmicidade” vigorosa dos tambores que constroem a terra da felicidade e fazem da alegria “um estado chamado Bahia”.*

Rubim (1998:17) faz alusão de forma clara ao tema central deste ensaio e mais uma vez é contundente ao apontar identidade baiana como uma construção. Cabe uma profunda reflexão acerca de seu comentário sobre a capital baiana no qual afirma que Salvador deixa de ser a pacata “Cidade da Bahia” para tornar-se Salvador, a capital do Axé e do carnaval.

Em vista do que foi abordado até o momento no formato de dados, reflexões e questionamentos sobre o carnaval e mídia televisiva baianos, é possível afirmar de maneira cabal os seus poderes como esferas de relevância incontestes na construção da identidade cultural negra do povo baiano.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação; referências-elaboração. Rio de Janeiro; ABNT, 2000.

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DANTAS, Marcelo. Olodum – de bloco afro a holding cultural. Salvador, Grupo Cultural Olodum/Fundação Casa de Jorge Amado, 1994.

DARIEN, J. Davis. Afro-brasileiros Hoje; (tradução: Felipe Lindoso). São Paulo: Summus, 2000.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. São Paulo: Global Editora, 2003.

HALL, Stuart. Identidades na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

NINA RODRIGUES, Raimundo. Os Africanos no Brasil 8ª edição. Brasília: Editora UNB, 2004.

ORGANIZAÇÃO, Sílvia Ramos. Mídia e Racismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

RIBEIRO, Renato Janine. A Sociedade Contra o Social. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RUBIM, A . C. Cultura, política e mídia na Bahia contemporânea. In: Comunicação & Política. Rio de Janeiro, X(1):93-117, janeiro-abril de 2003.

\_\_\_\_\_. ACM: poder, mídia e política. In: Comunicação & Política. Rio de Janeiro, VIII (2):107-128, maio-agosto de 2001.

\_\_\_\_\_. Viver na Cidade da Bahia. In: Lugar Comum. Rio de Janeiro, (5/6):117-135, maio-dezembro de 1998.

SANSONE, Lívio. *Negritude Sem Etnicidade. O Local e o Global nas Relações Raciais e na Produção Cultural Negra no Brasil*. Tradução: Vera Ribeiro. Salvador: Ed. UFBA, 2003.